



0

SILÊNCIO BARULHENTO
DESTES VERSOS DE AMOR

— LORRAINE PEREIRA —

Editora RECANTO das LETRAS



SILÊNCIO BARULHENTO
DESTES VERSOS DE AMOR

– LORRAINE PEREIRA –

0

SILÊNCIO BARULHENTO
DESTES VERSOS DE AMOR

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Lorraine Pereira

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Maciel Salles
Diagramação: Michael Douglas
Imagem da capa: Depositphotos
Imagem da orelha: Jefferson Eduardo
1ª edição – setembro de 2020

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Pereira, Lorraine
O silêncio barulhento destes versos de amor / Lorraine Pereira. --
São Paulo : Recanto das Letras, 2020.
88 p.

ISBN: 978-65-86751-30-7

1. Poesia brasileira I. Título

20-3227

CDD B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia brasileira

A todos os artistas do mundo,
especialmente aos poetizadores;
A quem ama;
A quem amo.
Com amor dedico!

AGRADECIMENTOS

Embora este tenha sido um trabalho profundamente solitário, reconheço que não o poderia ter feito se não fosse o incentivo emocional de algumas energias na minha vida. Então, reservo este espaço para agradecer a essas forças inspiradoras (a maioria em forma de seres humanos) para a escrita dos versos e sua publicação em livro.

Antes de tudo, agradeço à Força maior do Universo, a que aprendi chamar resumidamente de “Deus”.

A todos os poetas, de quem já tive a alegria de conhecer seus poemas e ser tocada por eles. Não tenho dúvidas de que essas criaturas me foram e são, de alguma forma, sempre inspiração para ousar escrever versos — desde os meus primeiros, lá na minha mocidade ainda.

À minha família (de sangue, por afinidade e/ou afetividade), especialmente a:

Mainha, Vanda, que, mesmo atemporalizada por razões do infinito, tem sido a melhor amiga-estrela que me impulsiona com uma energia incrível na minha vida aqui na Terra, cuja presença espiritual me ajudou no desenvolvimento deste livro.

Painho, Airton, como é conhecido, porque, embora nem saiba que eu estava a preparar este livro,

ajudou-me e ajuda-me sempre pelo simples fato de me amar e de acreditar no melhor de mim.

Minhas irmãs, Lara e Larisse, porque foram, por um bom e lindo período da minha vida (quando morávamos todos juntos), testemunhas de meus mais agudos devaneios, desde brincar com palavras a falar com estrelas, por exemplo, e, com amor, de algum modo, ajudaram-me a chegar até aqui.

Ao meu cunhado, Thiago, que, embora me diga “louca sonhadora” para a forma como conduzo minha vida (risos), me incentivou, junto com Larisse, para que eu começasse a publicar meus poemas, principalmente porque eles queriam lê-los, e eu não permitia.

Agradeço de maneira muito especial, principalmente pela sua contribuição direta, ao poeta Paulo Tamoio, codinome literário do meu amigo Paulo Freitas, pela honra que me concedeu ao aceitar prefaciá-lo este pequeno livro. Seu conhecimento e sua sensibilidade para escrever poemas, além de outros textos também, me fascinam, motivo pelo qual sinto e sei que seu nome dá peso a esta obra. Obrigada por todo o conhecimento compartilhado comigo e pela amizade!

Compartilho esse agradecimento e reconhecimento com e para o movimento literário Tamoios, idealizado pelo Paulo Tamoio e abraçado por tantos poetas e artistas, com destaque no Nordeste brasileiro, dos quais destaco aqui,

por conhecer seus trabalhos: Diná Mendes, Robson Renato, Manoel Cavalcante, George Patrick e Miriam Paiva.

À querida amiga Gabriela Giannini (brasileira de nascença, mas domiciliada na Argentina) e seu namorado Nicolás (argentino), e também ao querido amigo Matías Zampedri (argentino de nascença, mas também brasileiro de coração), que verificaram os versos que compus em Espanhol e fizeram sua tradução para o Português. Eu preferia que outra pessoa fizesse essa tradução para, ao final, eu fazer a correção, caso ficasse distante do que eu quisera propor com a composição original, em Espanhol. Em nome desses três seres, estendo um abraço a todos os meus amigos da Argentina (país que me encanta)!

Às pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram na minha vida para que eu criasse coragem de publicar meus versos. Em nome delas, estendo gratidão especial ao Eduardo, que nem sabe o quanto me inspirou para e na concretude desse meu sonho adormecido (ou escondido): meu livro de poemas.

Gratidão, Universo!

A autora.

SUMÁRIO

Prefácio	15
Conversa com o público leitor	23
DE OUTRAS VIDAS.. AINDA QUE EM DESENCONTROS	27
Querida me curar de ti	29
Amor à primeira vista	30
A imortalidade em momentos mortais	31
Olha para nós!	32
<i>Te quiero como en una mañana de domingo</i>	33
Te quero como numa manhã de domingo	34
Te encontrei antes de te encontrar	35
Tuas mãos me fazem chorar	36
Uma só alma em dois corpos	37
Se a vida em teus braços terminar	38
Te quiero tanto	39
Te quero tanto	40
Antes e depois de ti	41
Porque somos nós!	42
<i>Contrato divino</i>	43

Contrato divino	44
Em contraste com Paulo Setúbal	45
Nós já nascemos no amor	46
Monólogo	48
À beira de um caminho	49
Partir quando se quer ficar	50
Intensa demais para ser metade	51
Ação que separa	52
Devaneios	53
ALEATÓRIOS... E SOBRE AMAR EM TROCADILHOS	55
Amar alguém	57
No Ezeiza	58
A doce rotina de amar todo dia	59
Amar-te eu vou!	60
O homem ideal	61
O tempo	62
Às margens de um rio	63
Início e fim(?) dos amantes	64
Engana a dor	65
Consequências de amar... ..	66
Valente coração	67
Poetizar	68

ILUSÕES PERDIDAS	69
Amor errante	71
Relação improvável	72
<i>Quisiera saber</i>	73
Queria saber	75
Por outros caminhos	77
Uma constelação	78
Acompanhada de tua ausência	79
O que não daria eu	80
<i>El vino tú</i>	81
O vinho tu	82
<i>Algún día, (¿quién sabe?)</i>	83
Um dia, (quem sabe?)	84
Escondo teu nome	85

PREFÁCIO

Aprouve-me o destino, sem parcimônia, num gesto de humildade e afeto em forma de convite pela autora, escrever acerca desta maravilhosa página de encantos poéticos. No que tomo o honroso chamado como uma empreitada heurística.

Tive o privilégio de conhecer a poeta¹, a princípio, no ambiente do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Norte, na segunda metade do ano de 2013, quando pude perceber a envergadura literária dela. Depois, constatar seu brilhantismo no exercício da advocacia e no ensino na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, no seio da faculdade de Letras, onde fez sua arcádia, dedicando-se com mais afinco às composições literárias e puncionando sua efusiva veia poética.

A sua maneira de escrever com correção e objetividade; a firmeza de caráter e, também, sua timidez sempre foram marcantes na sua escrita e personalidade.

Contudo, o pejo não foi suficiente (nem será) para conter a indômita poeta que, impávida e incansavelmente, traduz suas experiências sentimentais em versos, como fosse uma determinada rendeira entrelaçando os bilros, que, no entanto, em vez de renda, tece a vida em delicados movimentos rítmicos embalados ao som do seu próprio coração.

Renda da terra

*Com a trama da renda da terra,
Que a rendeira rebate e retorce e
pontilha os espinhos,
Na ânsia de endurecer a graça
petulante de uma traça,
no afã de alinhar mais o trocado
do ponto de filó,
e sai tão fina, tão delicada,
tão perfeita,
que vocês,
mandam buscá-la aqui, na
barraquinha anônima das várzeas,
para ostentá-la, depois,
no meio do seu luxo...*

— Rachel de Queiroz

Eis que, assim, o silêncio se rendeu aos barulhentos versos de amor que transbordavam sua alma e, por mais que seu íntimo fosse infinito, não era possível conter o inefável desejo de se traduzir.

O tempo foi suficiente para o seu amadurecimento, embora a sua poesia fosse temporã (desde tenra idade já poetizava com os astros celestes). Assim como a flor que desabrocha antes para anunciar a vinda do fruto.

Lorraine transcende seus versos para além das fronteiras do tempo e do território nacional: de Água Nova para o mundo, exala seus sentimentos levando a quem ler um aroma de paixão, saudade, melancolia e verdade.

No gozo de sua plena liberdade, tal qual Paulo Leminsk, brinca com as palavras e as vergastadas normas gramaticais, confronta a ideia com a forma e dá às rimas, como num vórtice sonoro, ritmos hipnóticos e inescrutáveis.

A autora aguanovense derramou suas impressões e aprendizado nas letras que compõem seus poemas, cantando as estrelas que iluminavam sua infância e adolescência, retratando as imagens que contemplava sob o luar do sertão e as paixões que se afloravam sem cessar no seu âmago.

Esse jardim que plantou dentro de si, que nunca se permitiu morrer, ainda é regado pelo amor de sua mãe, fertilizado pelo apoio do seu pai e semeado pelos amigos, que vêm e vão como abelhas em busca de néctar e levam consigo os polens para fertilizar outros vergéis.

Seus poemas são o floema que leva a seiva elaborada para alimentar-lhe o espírito.

O silêncio barulhento de Lorraine, apesar de resgatar aflições dos românticos e modernistas, passeando na subliminaridade dos escritores nacionais como Drummond, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes e Clarice Lispector; influenciada pelos sonetos de Florbela Espanca e deslumbrada com Neruda e Virgínia Wolf, vem romper de vez com o formalismo temático, com a maneira preconcebida de poetizar, como se tremulasse a bandeira de um movimento contemporâneo nacional no Brasil, sob os auspícios das vozes que clamam por identidade literária brasileira.

Não escreve como quem arranja letras para formar palavras ou estas para compor versos. Ao invés disso, como quem olvida as regras gramaticais e combina emoções para decifrar a intimidade.

A resignificação do poema, nos seus escritos, nasce da particular experiência de vida da escritora, que usa o vernáculo como um velho código para cifrar as novas mensagens; para as quais, dialogicamente, a tradução pertence exclusivamente ao(à) leitor(a), que se apossa e a entende como quiser. Mantendo a máxima de que a poeta pode até ser dona das letras, mas nunca será senhora da mensagem.

A maçã pode ter sabores diferentes a depender da espécie de macieira. Pode um mesmo agricultor saborear diferentemente a mesma fruta; esse divergir de outros agricultores; a divergência persistir entre quem planta e quem consome; e, entre todos os consumidores, haver infindáveis sensações.

A poesia é um veículo dinâmico de comunicação e, eternamente, em transmutação, difusa na propagação e infinita nos significados.

Assim, a autora se apresenta como uma agricultora que usa toda a sua experiência de vida para plantar e cultivar seu amor no chão das ideias, no qual germinarão versos que, por sua vez, comporão um pomar de poesias, repleto de variados frutos de sentimentos. Cada leitor(a), como consumidor(a) final, prová-los-á com o paladar que a natureza lhe deu.

Aula de Português

*A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender.*

*A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?*

*Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o Amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.*

*Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.
O Português são dois; o outro, mistério.*

— Carlos Drummond de Andrade

“A linguagem na superfície estrelada de letras” é o veículo de Lorraine, tal qual destacou Drummond, por onde fluem seus poemas versados ao som da sanfona de Luiz Gonzaga:

Luar do sertão

*Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão
Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão*

*Coisa mais bela neste mundo não existe
Do que ouvir-se um galo triste no sertão que faz luar
Parece até que a alma da lua é que descanta
Escondida na garganta deste galo a soluçar*

– Trecho da música de Catulo da Paixão Cearense

E exalam o aroma fresco dos campos nordestinos,
como se tivessem sido descritos pelo escritor chileno:

Soneto XVII – La danza

*No te amo como si fueras rosa de sal, topacio
o flecha de claveles que propagan el fuego:
te amo como se aman ciertas cosas oscuras,
secretamente, entre la sombra y el alma.*

*Te amo como la planta que no florece y lleva
dentro de sí, escondida, la luz de aquellas flores,
y gracias a tu amor vive oscuro en mi cuerpo
el apretado aroma que ascendió de la tierra.*

*Te amo sin saber cómo, ni cuándo, ni de dónde,
te amo directamente sin problemas ni orgullo:
así te amo porque no sé amar de otra manera,*

*sino así de este modo en que no soy ni eres,
tan cerca que tu mano sobre mi pecho es mía,
tan cerca que se cierran tus ojos con mi sueño.*

— Pablo Neruda

Não se descuidou, também, de abordar temas sensíveis como a questão do gênero, defendendo as causas sociais e as inclusões, combatendo a discriminação e o preconceito com a sobriedade, provocando no povo necessária reflexão.

Enfim, *O silêncio barulhento destes versos de amor* é um trabalho profícuo que despertará em quem o ler o arroubo da inteligência, o gosto de quero mais, incitando a necessidade de meditação sobre temáticas que são sensíveis para a humanidade.

Enquanto o espaço para a poesia no mundo se estreita, os poetas se acanham, Lorraine surge na contramão desse infortúnio com uma nova perspectiva de poetizar e traduzir a vida em versos, como uma verdadeira bandeirante epistemológica, abrindo novas veredas para o conhecimento da arte, propiciando o povoamento de que pode se chamar de “Campos Elíseos poéticos”.

Então lhes encorajo, leitores(as), a abrir o livro como se fosse um bom vinho de uma novel safra, contudo apurado no tempo certo, para degustá-lo com todos os sentidos disponíveis e com um paladar bem aguçado.

Como nos ensinou Confúcio: “Todos comem e bebem; mas quão poucos sabem distinguir os sabores”.

— Paulo Roberto Andrade de Freitas

(heterônimo de Paulo Tamoio), poeta, escritor da obra *Revolta literária: Tamoio*, precursor do movimento literário neoantropofágico e da escola contemporânea nacional; entusiasta da língua portuguesa e promotor de justiça em exercício no estado do Rio Grande do Norte.

CONVERSA COM O PÚBLICO LEITOR

Em tempos de amores tão líquidos, pensar e/ou escrever versos sobre o amor, em sua relação romântica ou erotizada, não parece algo inteligente, atraente ou mesmo interessante. Porém, desafiada por esses indicativos de desvalorização de um sentimento tão nobre, tão caro, resolvi selecionar, dentre os pretensos versos que tenho escrito até aqui, somente aqueles que pudessem compor meu (primeiro) livro de poemas e, no presente caso, temático.

Devo dizer, outrossim, que, embora os poemas desta obra se refiram ao amor em sua forma romântica, a ideia de publicá-los vai ao encontro do meu desejo de que a humanidade encontre esse sentimento e permita-se ser contaminada por ele; assim como também ao fato de que (acredito) ele pode curar todas as mazelas — pelo menos da alma. Em tempos de pandemia, então, com consequência de isolamento social e familiar (muitas vezes), não vejo outra energia melhor para nos conectar uns aos outros senão o amor.

Desde menina, escuto vozes internas em forma de versos. Contudo, ao longo desses anos de vida, fui me deixando levar por caminhos outros a que o mundo foi me apresentando/empurrando e, assim, fui escondendo e, muitas vezes, sequer ouvindo, os ruídos que gritavam silenciosamente em meu íntimo... E, agora, depois de muitas composições perdidas, tomei a coragem de ousar e trazer

para fora o silêncio barulhento destes versos (de amor, no caso deste livro).

Querido leitor, neste momento, faltam-me palavras para que eu possa dialogar contigo em notas introdutórias sobre o que lerás nas páginas seguintes. Por outro lado, penso que talvez seja essa a magia de enxergar poesia — com poemas ou qualquer outra manifestação artística etc., por exemplo — naquilo que não está tão óbvio à superficialidade da visão. Então, desejo apenas que abras teu coração para ler os versos que se apresentam nesta obra. Utiliza a tua cabeça/mente somente para a parte cognitiva do ato de ler (risos), mas deixa o sentir com a alma te guiar por essa jornada dos meus poemas. Deixemos que o amor nos toque, por favor!

Oportunamente, permite-me fazer apenas alguns apontamentos sobre a organização do livro. Considerando as razões existenciais e criativas de cada poema, separei-os sob três títulos: *De outras vidas... Ainda que em desencontros; Aleatórios... E sobre amar em trocadilhos; e Ilusões perdidas.* (Deixo teu sentir e/ou tua interpretação para pensar sobre essa “arrumação”, estimado leitor). Ressalto, ainda, que alguns poemas estão em Espanhol porque foram assim criados (pensados e escritos), mas a tradução para o Português vem logo na página seguinte, e, para ambos os idiomas, há a licença poética daquilo que se desviou, conscientemente, da regra culta da respectiva língua.

Às vezes, penso — talvez egoisticamente — que só quem escreve um poema sabe quantos silêncios falantes estão entre

um verso e outro. E, assim, mesmo em versos tão singelos, por vezes considerados tão bobos, há um sentimento ali atravessado. Então, nobre leitor, aqui, me desnudo para te vestir com meus versos simples. E obrigadíssima por escolheres essa vestimenta desprovida de etiqueta, mas produzida com todo o sentimento!

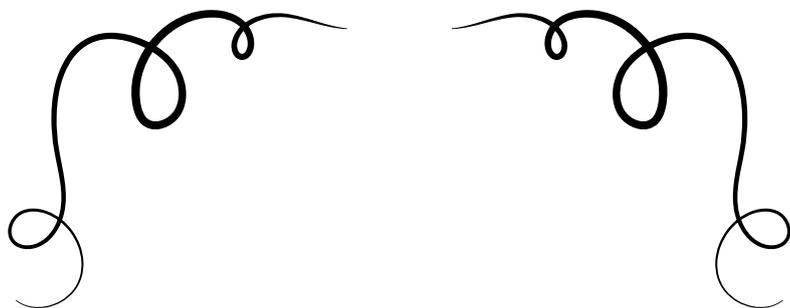
E já alerta:

Não sou artista em forma de poetisa
Nem faço rimas como uma artista
Só traduzo em versos (tortos) a voz
De um eu lírico que em mim habita.

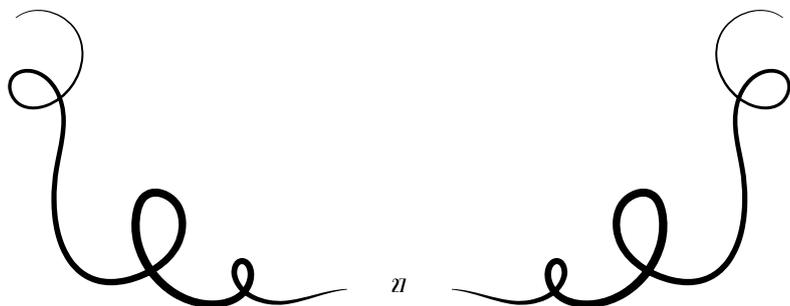
E nesse mister de com versos brincar
O eu lírico desses poemas faz-se revelar
Em sentimentos que desnudam sua alma
E revelam o que, antes, não queria mostrar.

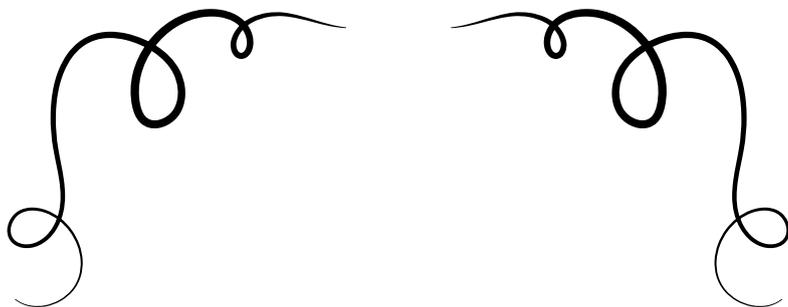
Então, com sua permissão ou não,
O eu lírico trazido nesses poemas
Vai se libertando e levando emoção;

Vai fluindo e apresentando seus lemas;
Vai chegando e tocando o coração
De quem gostaria de ler seus temas.

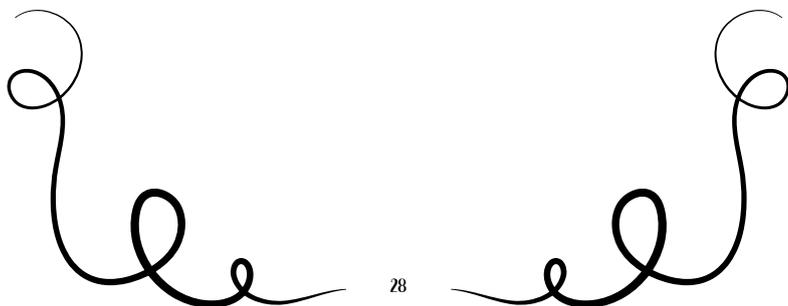


**DE OUTRAS VIDAS...
AINDA QUE EM DESENCONTOS**





*Porque, antes de nascermos, nosso amor já nos esperava;
e, quando nos vimos, ele já nos encontrara...*



Queria me curar de ti

Como não te amar?
Uma receita, por favor!
Eu bem queria não te querer
Mas não se controla o amor.

Ele surge sem menos esperar...
Não te amar eu bem queria
Mas, como não te amar,
Se em outra vida eu também te amaria?

Eu queria te arrancar de mim
Nem que fosse por um instante.
Não queria te amar assim
E te ter de uma maneira sufocante.

Ah! Como eu queria me curar de ti!
Mas, quanto mais penso em não te amar,
Mais te aproximas de mim
E mais de dentro não consigo te arrancar.

A sensibilidade é força brutal de quem ama; por vezes, ela machuca a alma e corrói o coração, mas, por outras, lhes dá o gosto da vida. Para amar, é preciso desnudar-se do ego e vestir-se de sonhos, imaginação e emoção profunda. Não se pode amar pela metade: ou amamos, ou não amamos.

A autora

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

